

## **A MEDITAÇÃO SOBRE O TIETÊ: A POESIA E A ÁGUA COMO FONTE DE REVELAÇÕES**

---

MARTA LIA GENRO APPEL\*

**A** poesia, desde a Antigüidade, constitui-se como uma das manifestações artísticas mais sublimes e foi entendida e associada, por longo período, como resultante de uma inspiração divina. Com o passar do tempo ela (a poesia) conquistou um espaço muito significativo nas artes e a compreensão sobre o fenômeno poético sofreu um processo de amadurecimento. Ao comportar, em versos, a possibilidade de inúmeras reflexões, a poesia pode ser fonte de investigação e de estudos muito instigantes na área de Letras. Muitos poetas se imortalizam a partir de seus poemas, como é o caso de Mário de Andrade, que será, nas páginas que se seguem, com o poema *A meditação sobre o Tietê*, objeto de estudo e análise.

---

\* Professora do Curso de Letras do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

*Águas do meu Tietê,  
Onde me queres levar?  
- Rio que entras pela terra  
E que me afastas do mar...*

*Nesses primeiros versos, de Mário de Andrade, é possível identificar algumas particularidades do rio Tietê que tem sua nascente perto do mar, mas seu curso é inverso – adentra a terra, o estado de São Paulo, a cidade de São Paulo, para mais tarde seguir seu curso natural: desaguar no mar. Mário de Andrade compôs o poema no ano de sua morte – 1945. Há quem o considere o poema testamento do poeta. Nele há de tudo: confissões, reflexões, dores, amores, saudade, orgulho, nacionalismo, revolta, diferenças sociais, enfim, o rio é testemunho de um mundo que se modernizou rapidamente, mas esqueceu-se da fonte da vida. A água passa a ser depositária das indagações do poeta e segue seu curso, silenciosamente.*

*É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável  
Da ponte das Bandeiras o rio  
Murmura num banheiro de água pesada e oliosa.  
É noite e tudo é noite.(...)*

A descrição realizada nos versos acima é, ao início do poema, a primeira revelação do momento tematizado: a noite. Segundo Dantas Mota (1961), a “Meditação” é um longo poema de versos longos e, acima de tudo, constitui o lamento do homem, já agora noturno, à margem do rio. Há a deflagração de um momento de dificuldade, problematizado pela condição da água “pesada e oliosa” – sofrida, suja, em dificuldade. O sujeito poético de imediato identifica-se com a condição da água: “afogando de apreensões as altas torres do meu coração exausto” (v.7-8), estabelecendo-se uma relação de cumplicidade entre os dois. Nos versos seguintes, o rio toma um “susto”, pois suas águas, há pouco na escuridão, são invadidas pelas luzes inumeráveis que tomam sua margem: “palácios, lares, ruas, arranha-céus” são os componentes do cenário que, aos poucos, se revela: “é a cidade”. Ou seja, nela repousa a responsabilidade pela mudança brusca, assustadora. Assim como deslumbra *a... vida cidadina*, na cidade também esconde-se a “humana corrupta da vida”. Mas o momento é fugaz, a alegria é tênue e a cidade e a água estão tristes, trilhando o caminho da morte.”

Nos versos 22 a 30 ... é noite. E o meu coração devastado é um rumor de germes insalubres ... , a condição de cumplicidade permanece. O pulsar do sujeito poético está tomado pela mesma sensação que habita as águas: germes insalubres, que matam, maltratam e comprometem a qualidade de vida de ambos. Repetidas vezes, o eu lírico pergunta ao rio, *onde me levas?; onde me queres levar?* À medida em que a corrente de

força das águas move tudo, distancia-o do mar, do litoral, do Atlântico e enfastia-se no mundo dos homens, paulistanos.

No verso 30, há uma referência a Camões: *E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?*, ao referir-se ao Atlântico, coube-lhe a homenagem àquele que tão bem fez em versos a sua homenagem ao oceano dos navegadores portugueses que, ao atravessá-lo, distanciaram-se da terra pátria, dos amores, das mães, em busca de sonhos de conquista e riqueza. Aos brasileiros ficou a herança da relação com as águas do mar e uma espécie de melancolia, perceptível no poema de Mário de Andrade. Nos versos seguintes (31 a 33), revela-se que as *tempestades humanas da vida* serão partilhadas com o rio Tietê, assim como nos versos 34 a 45 o sujeito poético dispõe-se junto ao rio, partilha dores, confessa desilusões: *desisti dessa felicidade deslumbrante*. Levado pelas águas, o poeta, através da sua poesia, revela-se e canta sua pertinaz consciência a respeito das *verdades e ilusões*. No verso 46, tem-se as adversativas “mas, porém”, por meio das quais o sujeito poético revela que não lhe cabe mais a fragilidade. Assim como rio segue seu curso, ele também deve seguir o seu.

São apontados, nos versos que se seguem, uma transposição de sentimentos revertidos às águas como: *sujado de infâmias, egoísmos, traições*, vozes que se fundem e se confundem ao murmurar das águas. No verso 59, o curso do rio é comparado à serpente, oscilante, e continua sendo testemunho do homem e sua trajetória: *o peito das águas soverteu...* Mas o rio, apesar de silencioso, está vivo. As águas, mesmo as *barrentas*, que dão *febre e morte*, ofertam *garças e antíteses*, ou seja, vida e morte acompanham o rio e o homem, constituindo, assim, um caminho uno. Animais, história (a dos bandeirantes) são citados como componentes do *bem e do mal*, em conluio com o rio e suas águas. Conforme Dantas Mota (1961), no fundo trata-se de um contido desespero diante da incapacidade do poeta em reformar o mundo.

O poema, de caráter quase sinfônico, é também uma volta de motivos condutores de assuntos esparsos ao longo da sua obra. A forma adquiriu, nesse poema, tamanha vivência que, tomando conta de nossas sensações, informa, de modo absorvente, o entendimento acerca do espaço tematizado no poema.

João Luiz Lafetá (1961) afirma que a referência ao *Boi Paciência* é outra imagem constante na poesia de Mário de Andrade. Segundo a intérprete Gilda de Mello e Souza (citada por LAFETÁ, 1961), simbolizaria o trabalho que constrói a vida do homem, o destino escolhido, ao qual se chega por vontade própria, a personalidade ética: “Nas tuas águas eu contemplo o Boi Paciência...”

Há avisos sobre os perigos que as águas do Tietê comportam, como nos versos 78 a 80:

*Isto não são águas que se beba, conhecido! Estas  
águas  
São malditas e dão morte, eu descobri! E é por isso  
Que elas se afastam dos oceanos e induzem à terra  
dos homens  
Paspalhonas. Isto não são águas que se beba, eu  
descobri!*

Há um claro alerta quanto às condições da água, imprópria para beber, mas, ao dirigir-se a ela como paspalhona, é possível identificar um ressentimento, como se a água do rio não reagisse ao que lhe é indevido. O homem, ao permitir o contágio com a sujeira do mundo modernizado, também sofre o mesmo processo de decadência que o rio. O sujeito poético diz-se solitário (versos 85 a 89), sem forças para lutar contra as diferenças que o afligem. De quem é a culpa? Do rio? Dos amigos? Dos inimigos? Os versos que se seguem mencionam possibilidades de atribuição de culpa, mas não apontam resposta exata, apenas põe em xeque aqueles que constituem a sociedade: “iletrados, estudiosos, sábios” e muitos outros são citados como componentes da mesma circunstância de realidade.

João Luiz Lafetá (1961) aborda que nos versos 95 a 100 tem-se um trecho do poema em que Mário de Andrade propositalmente deturpa as palavras (como faz com os nomes das famílias paulistanas “Crespi, Prates, Borba”, utiliza um falso latim, emprega termos não dicionarizados (“Calípedes”), realiza trocadilhos (Confraria Brasiliense por Livraria Brasiliense), etc. Pode-se dizer que ele realiza aí a paródia aos demagogos, ou seja, que imita o discurso retórico dos oradores políticos, exagerando no tom até torná-lo ridículo. A demagogia é comum aos espaços e às pessoas citados: “*E o pai Tietê se vai num suspiro educado e sereno, porque és demagogia e tudo é demagogia.* (Versos 130 e 131). Como registrou João Luiz Lafetá:

Esse longo poema foi, provavelmente, o último escrito por Mário de Andrade, com seu verso comprido que imita o fluxo ininterrupto da torrente, é o testamento poético e político do escritor. As imagens mais constantes de sua poesia são aqui retomadas, parecendo emergir luzes trêmulas da água noturna e da “noite líquida” do Tietê. O poeta repassa, de forma elegiaca, sua vida e sua obra, e um sentimento profundo de amor pela humanidade (a demagogia) domina o texto, procurando vencer a amargura (1961, p. 26).

Às margens do Rio Tietê, é possível identificar a vida, os peixes, mas o “tubarão – martelo”, o “boto-ministro”, o “peixe-boi”, o “peixe-baleia” vêm misturados à presença de peixes mais comuns, como os

“bagres”, os “peixins japoneses”, de menor porte e opulência. Aos poucos, outros elementos aparecem associados aos peixes, como os “peixes internacionais”, referência às multinacionais, à época já instaladas na grande São Paulo, em busca de riqueza e da utilização da mão-de-obra dos brasileiros, “sustentados de mosca”.

A religião é mencionada, no poema, como no verso 157: “Semanas Santas se insultam e se odeiam, no lufalufa de ganhar no bicho o corpo do Crucificado”. Há uma ironia explícita no que tange à religiosidade, pois a crença no “crucificado” é colocado no mesmo patamar de ações corriqueiras, no “lufalufa” da fé nas apostas nos jogos de azar, ilegais, no entanto praticados.

As águas persistem no seu caminho de solidão e claro abandono. A demagogia (verso 156) é novamente referendada como responsável pelas cenas que são descritas, do homem e da vida. “Os mariscos, as ostras e os trairões fartos de equilíbrio e Pudhonor” são constantes ameaças ao coração do sujeito poético, consciente das diferenças da sociedade e da vida na grande cidade. Os “trairões” representam a ameaça das traições, pois a traição é conhecida entre os pescadores como o peixe que reage sem aviso prévio, o pescador pode ser atacado quando está desavisado da ameaça, às cegas. Em “vão” o sujeito poético procura “um porto seguro na terra dos homens”. Pois “é noite”, e tudo está às escuras. A visão está nebulosa, impedida de se mostrar, condição das águas e dos homens.

Há uma lamentação profunda de dor, de desamparo e de solidão (versos 182 a 185):

*Mas tudo se desfaz num choro de agonia  
Plácida. Não tem formas nessa noite, e o rio  
Recolhe mais esta luz, vibra, reflete, se aclara,  
refulge  
E me larga desarmado nos transe da enorme cidade.*

A relação do sujeito poético com a água constitui tema de um importante texto de Gaston Bachelard (1997) e nele há considerações muito significativas que podem ser associadas ao poema em foco. Ao estudar as imagens substanciais da água, Bachelard nela reconhece um tipo de intimidade bem diferente das que as “profundezas” do fogo ou da pedra sugerem. Reconhece na água um tipo particular de imaginação. Fortalecido com a relação exposta entre profundidade e elemento material, o leitor chegará à compreensão de que a água constitui um tipo de destino, “não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas o destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser” (BACHELARD, 1997, p. 06). A água, em todo o

poema, aproxima circunstâncias de lamentação e da impossibilidade de retorno – pois o que está em transformação, em movimento, não pode ser estancado, represado, como o mundo moderno, que rodeia as margens do rio Tietê. Bachelard (1997) tece outras considerações, como lê-se abaixo:

Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. ... o sofrimento da água é infinito (p. 07).

Sobre o sofrimento do sujeito poético, Bachelard diz que o “poeta mais profundo encontra a água viva, a água que renasce de si, a água que não muda, a água que marca com seu signo indelével as suas imagens, a água que é um órgão do mundo” (1997, p. 12).

Nos versos 186 a 208, o murmúrio do rio compartilha de uma visão inusitada, “a cauda do pavão de mil olhos de séculos”. Bachelard pontua, também, considerações sobre a representatividade do pavão: “o pavão primitivo tem cem olhos”, ao que parece, então, que a natureza contemplada ajuda na contemplação do que existe, “olhos de séculos”, conservadores, tradicionais, pouco afeitos às mudanças. O sujeito poético diz-se só, “Não querem me ajudar no meu caminho” (verso 196). Homens indiferentes aos anseios do poeta e do rio. O pavão, com o olho permanente “assume subitamente uma dureza”, em vez de contemplar, ele observa. A cauda, quando aberta, exerce uma espécie de fascínio, de poder de ostentação. Para Bachelard, contemplar não é se opor à vontade, “é seguir um outro ramo da vontade, é participar da vontade do belo, que é um elemento da vontade geral” (p. 32). Assim encontra-se o estado de solidão do sujeito poético que, apesar de contemplador, não consegue cúmplices para dividir seu lamento. E “contemplo como apenas se movimenta escravizada a corrente, e rola a multidão” (versos 204 e 205).

O poema, nos versos 209 a 234, faz referência às curvas do rio que, mais uma vez, abarca visões sobre o homem e as condições das águas. Rio que, por vezes, é “represado” e “se adentra pela terra escura e ávida dos homens”. A lamentação é uma marca que atravessa as águas do rio, que as acompanha terra adentro, no seu rolar manso, da “estulta dor”.

Nos versos 235-255, tanto os homens quanto os governantes são inquiridos sobre a indiferença que os acompanha com relação aos apelos do rio e da condição de suas águas, marcadas pelo “óleo das inaugurações espontâneas”, sem comoção alguma. Rimas como “chefes e fezes” afirmam a crítica que se instaura a esta altura do poema. O rio, em suas margens, testemunha diferentes realidades daquele espaço, como as creches, que abrigam as crianças dos trabalhadores, a inocência das crianças e a situação descrita indica que “operários” e “chefes” compactuam do mesmo perfil: a indiferença aos danos que as fábricas causam ao rio Tietê.

Nos versos 257 a 266, o sujeito poético confessa que já viveu o sentimento amoroso em suas diferentes manifestações, pois já entregou-se *ao fogo irrefletido do amor... eu já amei sozinho comigo: eu já cultivei também o amor do amor, Maria!* O amor da amizade, da “confidência do amigo”, o amor de irmão. Ao mencionar os diversos tipos de relações de amor que cercam o homem, o sujeito poético mostra-se conhecedor daquilo que fala. No verso 267, ele declara *Pelas águas do turbido rio do Amazonas, meu outro sinal*. A referência ao maior rio do Brasil e um dos maiores do mundo, reforça a estreita relação entre a água e o mundo interior do poeta: *Desde me fiz poeta e fui trezentos, eu amei todos os homens, odiei a guerra, salvei a paz!* A opção do poeta está declarada: a sua poesia é seu canal de comunicação com o mundo. Através dela ele manifesta o que pensa, o que sente, mas é movido pela intuição – *Quem move meu braço? Quem beija a minha boca?* (v. 273). Ao indagar sobre a força que move seu instinto, ele questiona diferentes possibilidades, mas a resposta vem no verso que diz: *Quem? Senão o incêndio taciturno do amor?...* (v. 275). O amor confesso acompanha-o pelo poema. As águas do Tietê e o sujeito poético permanecem em silenciosa cumplicidade.

*Por que os donos da vida não me escutam?* (v. 281). Ele é um solitário, sua voz perde-se ao vento, em vão. Mas *sabem por mim as fontes da água...*, ou seja, o rio, magicamente compactua com os sentimentos do sujeito poético. Contudo, a água permanece “negra, pesada, oliosa”- há uma espécie de fechamento de possibilidades no aspecto das águas, sem condições de propiciar a vida, pois estão negras, poluídas, oliosas. O que lhe resta, então, é a *Primeira voz sabida, o Verbo* (v. 289). O texto bíblico é aqui referendado: o “Verbo” é o que marca a presença humana, a fala, o poder de raciocínio, expresso em palavras. Cabe ao homem, ao poeta, fazer-se ouvir e expressar o que impossibilita a condição de real felicidade do homem. Nos versos seguintes é possível identificar o primeiro distanciamento entre o homem e o sentimento de amor: o “ouro”, a ganância – *Ante o ouro*

*pelo qual o sacrificam os homens* (v. 292). Há, então, uma substituição de referencial que move o homem e suas ações, o mundo material. Ironicamente, o ouro pode ser encontrado *no fundo baboso do rio*. O rio, assim, constitui-se elemento fundamental para a realização dos desejos do homem. Ele (o rio) é sacrificado, invadido e maltratado, pelos homens, que buscam o “ouro”.

*É noite! é noite!...E tudo é noite! E os meus olhos são noite!* (v. 295), e o sujeito poético vê-se tomado pela falta de luz, de visão, *não enxergo sequer as barcas na noite*, mas, subitamente, ele só vislumbra a cidade, que o “chama”, que o encanta. Há um certo fascínio exercido pelas luzes, pela beleza da cidade. Mas há o registro de um sofrimento pungente entre o amor pela natureza, a força mãe, e o espaço criado pelo progresso, pelo mundo moderno. O seu “olhar procura, flor, um tilintar nos ares”, nas águas, um resquício do tão conhecido espaço aprazível, do rio e de suas águas.

A imagem da noite é reforçada, mais uma vez,... *Na noite. E tudo é noite. Rio, o que posso fazer!...* (v. 308) e a angústia que o acompanha é crescente, à medida em que se vê solitário, na sua vontade de possibilitar e/ou apontar o caminho da felicidade. O amor do poeta é “mais perfeito do que os homens”, a força que o motiva não está atrelada ao material, mas sim, ao puramente sentimental, desprovido de outros interesses. Mas sente-se “pequeno, inútil, derrotado” (v. 314). No verso seguinte, declara-se: *No entanto eu sou maior... Eu sinto uma grandeza infatigável!* (v. 315). Sua grandeza está no seu ofício: poetar, que é único no homem. Nos versos finais do poema (323 a 330), percebe-se que a água continua seu curso e é a portadora, assim como o sujeito poético, de impressões que dizem do homem e de seu sofrimento. A água e a noite compactuam da escuridão, nos versos finais:

*... e tudo é noite. Sob o arco admirável da  
Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,  
Uma lágrima apenas, uma lágrima,  
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.*

O sujeito poético está misturado às águas do rio, pois a lágrima, também água, é um último lamento, uma justificativa para a continuidade do curso do rio e do que ele representa: encerra o amor confesso de Mário por São Paulo.

Para Bachelard (1989), a água é a matéria da morte bela e fiel. Só a água pode dormir conservando sua beleza; só a água pode morrer, imóvel, conservando seus reflexos. Refletindo o rosto do sonhador fiel à



grande lembrança, à sombra única, a água dá beleza a todas as sombras, faz reviver todas as lembranças. Mário utiliza-se das águas do Tietê para nelas perpetuar sua vontade de permanência entre os homens e sua São Paulo. Bachelard, em seu texto, aponta para a possível relação narcisista que é delegada à água – a vontade de permanência, a marca da presença viva “a todos os que amamos. O homem mira-se em seu passado, toda imagem é para ele uma lembrança” (1989, p. 69). Assim, as matérias elementares (a água é uma delas, para Bachelard) são imperiosas e portadoras de um sentido onírico, uma espécie de “solidez poética que dá unidade aos verdadeiros poemas” (1989, p. 140). As matérias elementares colocam em ordem as idéias do poeta e as materializam, em versos. É o caso do poema em questão, em que Mário ostenta o “ideal de purificação” de sentidos e circunstâncias, que marcam todo o poema, através das águas do Tietê.

Assim, ao redigir a “Meditação sobre o Tietê”, o poeta confia aos amigos seu forte vínculo com o poema. Em 9 de fevereiro de 1945, escreve a Dantas Mota: “Terminei a primeira versão dia 15 de janeiro. Desde esse dia, até mesmo durante o Congresso<sup>1</sup>, tenho trabalhado nele, estava cheio de imperfeições derivadas de fadigas de memória. E a politicagem que trançou na infra-estrutura da intriga e do egoísmo, no Congresso, me obrigou a uma passagem nova, em que vejo as facções políticas em peixes”. Para Drummond, em carta de 11 de fevereiro de 1945, Mário confessa: “Ando fazendo um poema chato, pesado, difícil de ler, longo demais, duro nos ritmos, cadencial, bárdico, uma espécie de “Meditação sobre o Tietê”. Para Murilo Miranda, ele escreve na carta de 17 de fevereiro de 1945: “Escrevi um bruto dum poema chatíssimo, para uns 370 versos, que é uma meditação sobre o Tietê. Chatérrimo, irritante pros outros, talvez ninguém vá gostar. Mas muito importante para mim”. Irá parar na *Lira Paulistana*. Antonio Candido considera-o “senão o maior, certamente o mais significativo dos poemas que compôs, e que, datado de fevereiro de 1945, o mês de sua morte, tem um sentido quase misterioso de testamento”.

Assim, pode-se considerar que o “Meditação sobre o Tietê” constitui-se no poema testamento de Mário de Andrade. A referência à água, como desejo de permanência e de espelhamento de seus anseios e perspectivas, é uma constante em todo poema. As meditações prediletas do poeta erigem o poema como um dos pilares da sua obra poética. Como afirma Bachelard, (1997, p. 140):

<sup>1</sup> Trata-se do I Congresso Brasileiro de Escritores realizado em São Paulo, de 22 a 27 de janeiro de 1945, ainda sob o regime ditatorial de Vargas (Ver Carlos Drummond de Andrade: *A lição do amigo*). As citações acima foram retiradas da obra *Poesias Completas - Mário de Andrade* (1993), organizada por Diléa Z. Manfio, p. 35-36.

as palavras que ele aplica às coisas poetizam as coisas, valorizam-nas espiritualmente num sentido que não pode fugir completamente das tradições. O poeta mais inovador que explora o devaneio mais livre dos hábitos sociais transporta para seus poemas germes que vêm do fundo social da língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (Coleção Tópicos).

LAFETÁ, João Luiz. *Literatura Comentada: Mário de Andrade*. São Paulo: Abril, s.d.

MANFIO, Diléa Zanotto (Org.). *Mário de Andrade: poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

MOTTA, Dantas. *Nossos Clássicos – Mário de Andrade: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1961.